

- ATA -
75ª REUNIÃO DA CÂMARA TÉCNICA
DA BACIA DRENANTE À BAÍA DE SEPETIBA

DATA: 20/03/2019 – de 10h00min às 12h30min

COORDENADOR: Julio Cesar Jucá -- RELATOR: Julio Cesar Jucá

Membros da Câmara Técnica	Comparecimento
1-SECONSERMA	Brasiliano Vito
2 ANAGEA-RJ	Julio Cesar Jucá
3-SMUIH	Alexandre Younes
4- UERJ	Luciana Alem Gennari
5- ANAGEA-RJ	Viviane Logullo
6- RIO-ÁGUAS	João Paulo Guimarães de Mello Alves
Convidados	-----X----- -----
7- IPHARJ	Claudio Prado de Mello
8- SECONSERMA	Rosana Junqueira
9- SECONSERMA	Daniel Bicalho Hoelle
10- ZONA OESTE MAIS SANEAMENTO-	Ciro Rolim de Souza
11- SMUIH	Marisa Valente dos Santos
12- SECONSERMA	Wladmir Fernandes
13- SECONSERMA	Jorge Antonio L. Pontes

A reunião iniciou às 10:00 horas com a aprovação pelos presentes da ata da reunião anterior e uma rodada de apresentação.

O representante da ANAGEA-RJ, Julio Cesar Jucá, apresentou o convidado palestrante Arqueólogo Sr. Claudio Prado de Mello, presidente do IPHARJ e conselheiro do INEPAC, que discorrerá sobre o tema “Arqueologia de Sepetiba e Santa Cruz” aos presentes a Reunião.

O convidado palestrante Prof. Claudio Prado de Mello palestrou com notório saber sobre os sítios arqueológicos na Bacia Drenante à Baía de Sepetiba. Iniciada a apresentação, O Professor Claudio externa-nos a realidade da região que durante décadas as populações de Sepetiba e de Santa Cruz sentiram o preterimento dos grandes investidores e do desenvolvimento urbanístico. Situada no extremo da cidade do Rio de Janeiro a região constitui uma parcela importante do território da cidade e somente a base aérea de Santa Cruz reúne 2% de todo o território do município Carioca. Por conta desse preterimento várias áreas de Meio Ambiente foram preservadas e em boa parte intocada pelo homem nas ultimas décadas. Esse segmento mantém regiões de mangues e devido a existência de uma base militar, teve seu ambiente pouco impactado e ainda hoje é possível ver jacarés, onças, capivaras e outros animais silvestres em liberdade e no seu habitat. Nessa perspectiva, a equipe do Instituto de Pesquisa Histórica e Arqueológica do Rio de Janeiro IPHARJ, foi convidada pela equipe do Ecomuseu de Sepetiba a conhecer a região em Agosto de 2015 e reconheceu e registrou quatro locais de interesse arqueológico a partir de material arqueológico aflorado encontrado de forma contextualizada. A questão do afloramento das jazidas arqueológicas na região nos remete a questão da riqueza da grande potencialidade do local uma vez que o ambiente lagunar e de mangues indica a presença de sambaquis e de outras ocupações pré-coloniais. Por sua vez, sua localização estratégica no limite sul da cidade reforça sua importante posição no sistema de defesa da cidade, uma vez que as águas da Baía de Sepetiba eram locais de transito de corsários e piratas no Período Colonial. A Arqueologia tem demonstrado que a tradição do local como ponto de observação estratégico se manteve desde a Pré-história, passando pelos períodos Colonial e Imperial (com seus vários fortes militares) e hoje um dos maiores radares faz o monitoramento do espaço aéreo brasileiro e justamente no local aonde um dia existiu Forte São Pedro, do Período

Colonial. No século XVIII, a baía de Sepetiba foi cenário de muitas batalhas entre corsários atraídos pelo ouro e soldados do rei Dom João IV. Além do ouro, os piratas roubavam o pau-brasil abundante nas matas da região e as praias de Sepetiba serviam como porto colonial para exportação da madeira para a Europa. Seus principais acessos eram o caminho de Sepetiba (atual estrada de Sepetiba), que levava à Santa Cruz, e o caminho de Piahy (atual estrada do Piaí), que ligava o bairro à Pedra de Guaratiba. Já no início do século XIX, Sepetiba passou a ser frequentada no verão pela Família Real, que utilizava a propriedade para o lazer da elite, como touradas, saraus e danças portuguesas, tornando-se um lugar de grande importância a partir dos anos 1810. As observações arqueológicas desenvolvidas ao longo dos últimos dois anos na área da Base Aérea de Santa Cruz indicam que esse segmento da cidade já era ocupado pelo homem há milhares de anos atrás. Mas devido ao estágio inicial das pesquisas ainda não sabemos exatamente todos os locais aonde essas populações se estabeleceram. Na região de Guaratiba, estudos realizados décadas atrás evidenciaram dezenas de sítios arqueológicos, apesar das pesquisas de campo terem sido muito restritas e parciais. Todavia, a partir do estudo preliminar não interventivo da jazida arqueológica da região e a consequente descoberta de vestígios arqueológicos podemos estabelecer as seguintes fases de ocupação para a área: Populações Sambaquieiras, Ocupação Tupi-Guarani, Período Colonial, período Imperial e Período Republicano Inicial. Os sítios arqueológicos foram reconhecidos a partir de seu material aflorado e em seguida foram devidamente registrados junto ao Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos em 2015. A imagem abaixo indica a localização aproximada de três deles formando aproximadamente um limite retangular. A numeração abaixo corresponde as coordenadas UTM do polígono. Todos os sítios arqueológicos são definidos e protegidos pela Lei nº 3.924/61, sendo considerados bens patrimoniais da União. O tombamento de bens arqueológicos é feito excepcionalmente, por interesse científico ou ambiental. Cabe sempre lembrar que o Patrimônio Arqueológico é um bem da União e ele é não renovável, de alta sensibilidade, pode ser de baixa visibilidade e que a destruição de um vestígio ou um sítio é algo irreversível, irreparável e que as informações contidas nos sítios, uma vez descaracterizado ou destruído não podem ser resgatadas e se perdem de forma inexorável e definitiva. No cenário brasileiro, a Arqueologia trabalha com duas grandes épocas: Arqueologia Pré-histórica e Arqueologia Histórica. Assim, quando um sítio arqueológico apresenta vestígios produzidos depois da chegada dos Portugueses ao Brasil, eles são chamados de sítios históricos. Já aqueles mais antigos, que são anteriores ao ano de 1500, são chamados de sítios pré-históricos e trabalham com os vestígios deixados pelas antigas populações indígenas do Brasil. Muitos são os tipos de sítios arqueológicos no Brasil: sambaquis, sítios rupestres (sítios rochosos com gravuras e pinturas), abrigos sob rocha, sítios líticos, sítios lito-cerâmicos, aldeias, acampamentos e uma enorme gama de sítios históricos. Podemos dizer que a Pré-história é o período que antecede ao relato escrito, isto é, o da História propriamente dita. Assim, o período Pré-Histórico varia de país para país, de acordo com o início da existência da Escrita e dessa forma o início da escrita da história. No Brasil, a Pré-história engloba todo o período anterior a 1500 d.C., ano da descoberta (invasão?) e do início do Período Histórico no Brasil. É de amplo conhecimento de que boa parte do litoral fluminense foi ocupada por alguns dos mais antigos grupos humanos que chegaram à faixa litorânea do Estado na época em que o homem no Rio de Janeiro ainda era nômade e vivia basicamente da coleta de víveres como moluscos, crustáceos e frutas silvestres. Os locais escolhidos eram os que ofereciam condições de estabelecimento temporário e tão logo o ambiente natural se mostrava enfraquecido ou exaurido de recursos alimentares, esses grupos se mudavam para outras áreas. Esses grupos de PaleoÍndios são chamados na Arqueologia Brasileira de Grupos Sambaquieiros. Em determinadas regiões e em áreas próximas ao mar, os chamados Sambaquis mostram em detalhes aspectos da vida e das práticas funerárias de algumas das mais antigas ocupações no estado. Os primeiros grupos humanos chegaram ao Rio de Janeiro há pelo menos 8 a 6 mil anos e os principais tipos de sítios arqueológicos pré-históricos são sítios de litoral e os sítios de interior. A partir das pesquisas sabemos que os índios mais antigos baseavam sua alimentação na coleta de moluscos de águas rasas. Estes grupos estavam, portanto intimamente associados a ecossistemas de mangue. O principal traço desses índios muito antigos era a formação de sambaquis. A palavra SAMBAQUI vem do Tupi e significa “monte de mariscos” (tampa = marisco, e ‘ki = amontoado). Os sambaquis são aglomerados de conchas, areia e restos culturais, conscientemente construídos, formando patamares acima do nível dos terrenos em que estão assentados. Estes podem ter várias formas, especulando-se a existência simultânea de sambaquis principais (maiores) e utilização simultânea a sambaquis satélites. Este povo teve uma grande permanência espacial, ocorrendo num período de 12.000 a 1.000 anos AP. Na região de Sepetiba e Santa Cruz identificamos material cultural relacionado a grupos sambaquieiros, como lascas de líticos bem como instrumentos como quebra-coquinho associadas a camadas de material malacológico. A existência de sambaquis na região é lembrada por muitos moradores antigos e conta-se que em determinada época no século XX saiam caminhões lotados com material malacológico que eram calcinados e comercializados, sendo utilizados como fertilizantes, elemento de argamassa, quando misturados com areia e óleo de baleia. A existência de uma Caieira (fábrica de cal) na historiografia confirma este fato e verificamos em 2015 que casas

antigas em Sepetiba mostram restos de conchas na composição da argamassa que assentava blocos de pedra de mao. No Rio de Janeiro foi intensa a ocupação da etnia tupi-guarani. Os índios Tupi eram chamados de Tupinambás pelos franceses, e de Tamoios pelos portugueses. Além desses, os Tememinós também ocupavam a Baía de Guanabara e os dois eram inimigos ferozes. Os Tamoios dominavam a área litorânea na época do Descobrimento e iam do Cabo de São Tomé ate Angra dos Reis, passando pelo Vale do Rio Paraíba do Sul. Esta população de guerreiros vivia cercada pelos seguintes inimigos: ao norte, os Goitacá; ao sul, os Tupiniquim; e no interior, os Guaianá, Carajá e Maracajá. Essas populações primitivas eram parecidas com os nossos indígenas atuais e não tinham muitos recursos ou uma cultura sofisticada, mas para viver criaram um conjunto de artefatos específicos. Estes artefatos são ferramentas de pedra lascada e polida que usavam para caçar e pescar, os vasos, os potes e as panelas de barro (para cozinhar, guardar víveres) ou as urnas funerárias (para enterrar os mortos), os adornos que usavam como colares e braceletes, entre outros. Os verdadeiros proprietários das terras do Rio de Janeiro eram os índios Tamoios que se espalhavam por todas as partes em aldeias grandes e possuíam numerosas ocupações espalhadas por toda a cidade e estado do Rio de Janeiro e eles possuíam suas vias de acesso e de comunicação desde longa data

Claudio Mello passa às considerações finais exaltando o rico passado arqueológico da região da Base Aérea de Santa Cruz esta ainda para ser escrito. Caminhar pelo seus caminhos é refazer o traçado de homens que percorreram esse território em busca de sua sobrevivência , de comida, de abrigo, de escoamento de suas riquezas, de sua produção e acima de tudo de defesa de sua região. Dos antigos Paleo-índios que atentamente viagiavam seu território dos elevados pontos de observação da costa litorânea, os mesmos lugares passaram a fazer parte do gerenciamento do espaço das populações indígenas Tupi-guarani que observavam quem poderia vir ao longe... O tempo passou e os fortes continuaram a manter a vigilância sobre a região e depois de séculos os mais sofisticados equipamentos fazem parte do Sistema de Controle do Espaço Aéreo Brasileiro (SISCEAB) através do poderoso radar mantido pela Aeronáutica. Sepetiba e Santa Cruz possuem uma história rica, repleta de acontecimentos relevantes para a formação do país, mas por algum motivo se decidiu que seu passado deveria ser esquecido. Muitos de seus monumentos foram desmantelados a ponto de se quer saber a sua localização e se antes foi uma província de importância, hoje é considerada uma região remota da cidade e tão remoto que a cidade imagina ela ser outro Município, se esquecendo que Santa Cruz é tão Rio de Janeiro como Ipanema, Cascadura e Botafogo. Assim, a história deste lugar precisa ser resgatada e valorizada de forma que seus moradores se orgulhem de pertencer a este lugar e poderem reviver a época importante que tiveram no passado. A Arqueologia, como instrumento e ciência fundamental de pesquisa do passado quando as fontes históricas se calam começa a reconstituir parte desse passado esquecido e começa juntar os remanescentes que sobreviveram no solo para poder retratar essas linhas.

O Coordenador, diante das potencialidades apresentadas pelo Arqueólogo Claudio, propôs a criação de um mapeamento com os sítios homologados e em homologação pelo IPHAN com vistas à preservação ambiental deste patrimônio a ser considerado no âmbito das autorizações e licenças expedidas pelo Município.

Não havendo outras perguntas ou sugestões, deu-se por encerrada a reunião às 12h30.